

# Que Mão é Esta? Uma Viagem pela arte com Emília Ferreira

written by Rui Paulo Costa | 14 de Junho, 2025



## A mão do artista e a memória da história

Num fim de tarde soalheiro, o sexto piso do El Corte Inglés de Vila Nova de Gaia encheu-se de vozes baixas, olhares expectantes e cadernos abertos. A sessão, promovida pelo Âmbito Cultural, prometia uma viagem pela arte contemporânea com paragens em tempos passados, conduzida por uma das vozes mais respeitadas do meio artístico português: Emília Ferreira.



A sala encheu-se de vozes baixas, olhares expectantes e cadernos abertos para ouvir Emília Ferreira. Foto de FILIPE ARRAIS/OCIDADÃO

**Historiadora da arte, escritora, diretora do Museu Nacional de Arte Contemporânea (durante 8 anos, até fevereiro de 2025) e com um vasto curriculum na cultura, Emília Ferreira** entrou na sala com o à-vontade de quem conhece bem o seu público e o terreno que pisa. O tema era desafiante e intrigante: **“Que mão é esta?”**, uma reflexão em torno da autoria, da técnica e da leitura da obra de arte.

Desde o primeiro momento, foi clara na sua abordagem. **“A arte contemporânea não nasce do nada. Há sempre uma genealogia nas artes. Quem assume que vai ser inovador a partir do nada está a cair numa falácia.”**

Com um humor que arrancava sorrisos frequentes na sala, recordou que **“reinventar a roda”** é, muitas vezes, uma perda de tempo. **“Não vale a pena reinventar a roda quando já há pneus sofisticados, com jantes de última geração.”**

Falou da importância da história, do olhar para trás como

ferramenta de construção do novo. Trouxe à conversa o designer italiano Bruno Munari, que antes de desenhar uma cafeteira, estudava como ela fora feita ao longo da história. ***“Partia desse conhecimento para tentar inovar na forma e no material, servindo sempre uma função.”***



Bruno Munari no estúdio em 1967. Foto de HUGO MULAS. Direitos reservados.

## **A arte de ver exige treino**

Um dos momentos mais cativantes foi a reflexão sobre a forma como vemos – ou não vemos – a arte. ***“Todos nós aprendemos a ler e a escrever muito jovens, mas ninguém nos ensina a ver. É uma aprendizagem constante.”***

Falou da ilusão da facilidade visual. ***“Pensamos que olhamos e vemos com facilidade, mas o olhar é uma construção. Os nossos olhos fazem inúmeros movimentos para captar um rosto, um***

***objeto, e tudo é depois sintetizado no cérebro.”***

Partilhou um desafio pessoal: terá de falar, em breve, sobre uma obra de Jorge Barradas no Museu do Santuário de Fátima. ***“Imaginem a responsabilidade. Eu não tenho cultura iconográfica. Vou ter de me munir de muitos instrumentos de leitura para abordar aquela obra.”***

Com esta confissão, humanizou o ato de ver e interpretou-o como um processo contínuo, mesmo para especialistas. ***“A minha formação foi em arte contemporânea porque achava ingenuamente que seria mais fácil. Não era. Eram apenas outras dificuldades.”***

## **Entre a figuração e a abstração**

A certa altura, projetou duas imagens lado a lado: uma obra figurativa e uma abstrata. Perguntou qual das duas era mais fácil de ler. A maioria apontou para a figuração. Concordou com a audiência. ***“Está na nossa cabeça há muito tempo. Eu própria conheço esta história. Fui batizada há 62 anos, e embora não tenha fé, sei que este é Cristo, aqueles são os ladrões, e esta é a Virgem que desmaia.”***



Nota: Imagens ilustrativas usadas pelo editor para evocar o contraste discutido por Emília Ferreira entre figuração e abstração. Não foram estas as imagens “projetadas”. Direitos reservados.

Por oposição, a obra abstrata permitia múltiplas leituras. Referiu o caso de uma peça de Jorge Martins que selecionou para uma exposição por lhe parecer uma paisagem. ***“Um senhor disse-me que nunca tinha pensado nisso. E eu respondi: talvez o Jorge Martins também não. Mas eu olhei e vi paisagem.”***

Insistiu na legitimidade da leitura pessoal. ***“A nossa liberdade como leitores não é posta em causa pela leitura do autor. Podemos ver o que quisermos, desde que o vejamos com atenção.”***

## **Quando a arte encontra a ciência**

Com entusiasmo, recuou ao século XIX para mostrar como as grandes inovações desse tempo – comboio, telefone, cinema – continuam a moldar o presente. ***“Ainda gosto de ir de comboio. E é uma invenção do século XIX.”***

Lembrou que os artistas sempre estiveram atentos à ciência e à tecnologia. ***“A câmara escura foi observada por Aristóteles e depois desenvolvida por Leonardo da Vinci. E no Renascimento, artistas e cientistas trabalhavam em proximidade.”***

Fez um parêntesis para sublinhar o papel dos museus: ***“Os museus foram as grandes escolas alternativas. Permitiam aos artistas ‘escolher’ os mestres com quem queriam trabalhar, para além da academia.”***



Em 1692 o Museu do Louvre foi ocupado pela Académie des Inscriptions et Belles-Lettres e pela Académie Royale de Peinture et de Sculpture, que em 1699 realizou a primeira de uma série de exposições. A Académie permaneceu no Louvre por 100 anos.

## **Do traço ao pensamento: o valor do desenho**

Uma parte significativa da conferência foi dedicada ao desenho. ***“O desenho é uma coisa mental”,*** citou Leonardo. ***“E a mão tem de se tornar inteligente para expressar aquilo que pensamos.”***

Partilhou uma história curiosa entre dois arquitetos: um dizia desenhar sempre à mão, o outro preferia o computador. Comparou com os escritores: ***“Uns escrevem à mão, outros à máquina. José Cardoso Pires dizia que, quando apareceram os processadores de texto, percebeu que finalmente tinha a máquina de que precisava. Uma máquina de apagar.”***

Risos generalizados encheram a sala. ***“A minha caligrafia está horrível desde que comecei a escrever no computador”,*** confessou. ***“Mas os artistas visuais continuam a trabalhar com a mão, felizmente.”***

## **Perspectiva, textura, composição: como ler uma imagem**

Com várias imagens “projetadas” na “tela” da sala, foi demonstrando como se pode olhar para uma obra de arte através de diferentes aspetos: tema, forma, espaço, cor, textura, composição. ***“A cor é sempre luz”,*** afirmou. ***“E no caso da composição, podemos avaliar as linhas, o ritmo, a simetria.”***

Mostrou exemplos da perspectiva linear de Rafael, do espaço ilimitado de Nadir Afonso, da distorção espacial de Vieira da Silva. ***“A biblioteca da Vieira parece uma cidade que poderíamos visitar numa nave espacial.”***



Rafael, Nadir e Vieira da Silva. Direitos reservados.

## ***Cor, drama e simbologia***

Comentou a obra “Só Deus” de Francisco Augusto Metrass com minúcia. ***“A mão daquela mulher não tem tensão nenhuma. Está ali como se estivesse num estúdio. O drama está na natureza, mas não nas figuras. A cor é usada como expressão dramática.”***



Só Deus. Pintura a óleo sobre tela do pintor português Francisco Augusto Metrass realizada em 1856 e que está em exposição no Museu do Chiado em Lisboa. Direitos reservados.

Apontou também para o trabalho com letras e símbolos de António Sena. ***“Ele riscava camadas de tinta fresca como quem escreve na areia. É pintura sedimentada como memória.”***



António Sena, Pintura, 1972. CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian. Direitos reservados.

Referiu ainda o uso da cor e do tom em obras abstratas, e os jogos de leitura que esses elementos proporcionam. ***“Temos de perguntar: o que é que isto me invoca? O que é que eu devolvo à obra?”***

## **A urgência de ver com mais tempo**

Fechou a sessão com um convite à demora. ***“O cinema leva-nos pela mão, conta-nos a história. As imagens estáticas não. Estão ali à espera que nós lhes demos tempo.”***

A sua última frase ficou a ecoar na sala, como uma pergunta lançada ao futuro. ***“Que mão é esta que hoje nos mostra o mundo?”***

OC/RPC